

13-01-2025

SEU JOÃO DE MARIA DO CÉU

Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Minha chegada a Peruíbe me deu uma certa angústia. Logo descobri que depois de Guaratuba, eu estaria mais feliz em locais mais periféricos, rústicos, rurais, tradicionais, cujas comunidades tivessem uma cara de *sítios simbólicos de pertencimento*. A cidade estava vivendo um boom imobiliário parecido ao que eu havia vivenciado em Floripa. Minha cabeça profissional de corretor começava a tombar na guilhotina da vocação. Claro que as habilidades adquiridas na corretagem estavam tatuadas no reservatório de experiências vividas, mas a mão de Dona Ivoneide Neto de Maria em meu rosto havia aberto uma outra porta. Andei por Peruíbe buscando algum lugar onde eu pudesse conversar com algum pescador. A história do local, como de todo o litoral brasileiro, era uma história de pescadores. Cheguei no Mercado Municipal e fui aos stands de pescados. Observei um senhor, com a pele bem morena e muito enrugada, encostado num balcão conversando com o vendedor. Disfarcei olhando os peixes e logo perguntei ao senhor se ele conhecia bem aqueles peixes. Eu continuava sendo um agraciado da sorte. Senti que ele se entusiasmou e desandou a falar. E eu, naquela hora, sabia que ele ia aceitar um café. Aceitou mesmo. *Seu João, eu faço pesquisa sobre os pescadores das praias brasileiras* (mais uma mentirinha do bem). *O senhor é pescador há quanto tempo?* Eu estava um pouco cansado depois de 400km. de estrada e achei que ia conversar uma meia hora, qual nada. Tomamos mais um café, sentamos na porta do mercado e a conversa durou pelo menos duas horas. Seu João disse que era pescador há 56 anos. Na hora achei que ele devia ter começado aos 15 anos. Não. Ele era mais novo que meu pai, apesar de eu achar que ele podia ser meu avô. Ele tinha 58 anos. *Seu João, como assim? O senhor tem 58 e é pescador há 56?* Ele com um sorriso orgulhoso disse que tinha começado aos dois anos. Seu pai o levava no colo pra aprender a preparar a rede. Com três, ele carregava a cestinha de peixe, e aos seis anos ele foi pela primeira vez no barco da madrugada. Pela forma de falar do pai tive inveja de mim com o meu. E da mãe nem tive tanto, mas a forma como ele falava de Maria do Céu, quase tive. Mulher guerreira, cuidadora de peixes e da família numerosa de irmãos e primos, todos da pesca, menos um dos irmãos desandado pelo mundo. Naquela altura, meu interesse já era a economia informal, doméstica, de sobrevivência, distante dos economistas premiados do Nobel. Eu já me sentia um pesquisador empírico, espécie de jornalista investigativo, apaixonado por gente. Evoé Maria Laura! O pai de seu João pouco saía de casa depois que ficou incapacitado num acidente de trabalho no barco onde trabalhava. Vivía com um salário-mínimo do INSS e não gostava de sair de cadeira de rodas enquanto seus camaradas iam e vinham de lá pra cá, rindo e carregando seus peixes. Era orgulhoso e sempre triste. Já seu João era uma alegria só e gostava de contar as coisas pro seu pai esperando

arrancar-lhe um sorriso. Falou-me da renda da família, sempre beirando a pobreza, mas com a dignidade de não viver na miséria. *Os peixes são nossos anjos da guarda e em nossa casa não falta nada. Nem amor*, ele disse quando nos despedimos. Vi ali um retrato de um jovem velho, empreendedor de si próprio que, por falta de oportunidade e de tantas coisas mais, vivia no centro de uma sociedade excludente, sob a pressão dos intermediários, dos donos dos barcos, dos preços impostos e de uma prefeitura que sempre favorecia aos grandes capitalistas do comércio e da indústria da pesca. Na saída ele me ofereceu sua casa quando eu passasse por lá novamente. Eu já ia saindo e ele me chamou para dizer: *Maria do Céu, minha mãe, ia gostar muito de conhecê-lo. Eu tenho certeza que ela ia fazer questão de lhe oferecer uma gostosa peixada. Ela é uma mulher bem bacana. Ela está velhinha, mas tem muita disposição e gosta de quem eu gosto.* Agradei, disfarcei minha emoção e fui. Eu estava muito cansado, muito triste, mas muito preenchido de mim. Naquela hora também descobri que a gente se preenche de si quando se preenche do outro. Fui dormir me preparando para o 4º dia de viagem. De Peruíbe eu ia pra Caraguatatuba, ainda em São Paulo. Avisei meu mudinho que íamos rodar uns 300 quilômetros, mas íamos chegar a tempo de almoçar. Ele como sempre de faróis baixos mas com disposição pra qualquer coisa... Para isso, saí 7 horas da manhã, felizmente com a disposição de um navegador dos sete mares. Não adiantou, tive que dar tanta volta que o almoço teve que ser bem antes de chegar lá. Vi logo que o dia não ia render, mas minha disposição a essa altura jamais esmoreceria. Na minha condição de ridículo e óbvio, agora metido a pesquisador, parei na porta da Escola Municipal Professora Antônia Antunes Arouca, em Massaguaçu. Como eu me sentia um camarada com sorte, mesmo sem jogar na Loteria, deixei-me levar pelas ruas de Caraguá (como o povo chama a cidade), parei o carro em frente e fiquei encostado pensando o que faria. Era o início do fim da tarde. Fiquei olhando a criançada em algazarra saindo e uma pessoa (que achei que era professora, ela era inspetora) acompanhando a saída. Acho que ela se incomodou com a minha presença e me perguntou de longe *está esperando algum aluno?* Logo respondi com muita cautela que não e só queria uma informação. Ela ficou esperando e me aproximei devagar, me desculpei pela importunação e falei rapidamente de minha viagem e que eu estava pesquisando sobre economia popular nas cidades litorâneas brasileiras. Quando ela perguntou por qual instituição eu era pesquisador dei uma gaguejada, mas tive que ser rápido no gatilho. Falei que tinha uma amiga professora da Universidade Federal de Santa Catarina - Maria Laura - e que eu era auxiliar da sua pesquisa. Quando vi que ela acreditou, eu me achei um mentiroso, a ponto de me alçar à condição de deputado federal, senador ou, principalmente, presidente da República. Apesar de minha gaguejada e cara de bobo, senti que ela gostou de mim. *Tem uma professora de história aqui na escola - a Maria José - que acho que ela pode lhe ajudar. Você pode vir amanhã aqui por volta das dez horas? Vou falar com ela.* Claro que não titubeei, agradei muito, perguntei seu nome (Olga Maria) e quando saí só pensava no meu roteiro de viagem. ■ ■ ■